

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Homem de C. Christo  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

**Assignaturas**  
Numero 430  
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS  
8.º ANNO

## PRINCIPIOS

Não é costume nosso rectificar erros de revisão, que sahem a cada passo em artigos que o seu auctor nem pôde lêr, quando os escreve, —tanto a necessidade o obriga a escrever-lhes depressa,—quanto mais rever. Como temos dicto algumas vezes, não somos um jornalista de profissão. Somos um simples curioso. Porque não somos um jornalista de profissão, só no pouco tempo, pouquissimo! que nos fica livre dos trabalhos em que ganhamos o pão de cada dia, pegamos na penna para escrever qualquer coisa para os jornaes. A correr. Agora um bocadinho, logo outro. Tudo reunido á pressa, á ultima hora, para metter no correio. E uma prosa feita d'esse modo ainda fica sujeita ás torturas do typographo, e d'uma revisão que não sabendo corrigir qualquer incorrecção, que pela lufala do trabalho nos escape, nem a fidelidade das próprias palavras que escrevemos nos conserva,—ás vezes, na verdade, umas garatuhas indecifráveis.

Por tudo isso, e porque o leitor nem d'um dia para o outro, quanto mais passados oito dias, se lembra do que lêu, não é costume nosso, outra vez o dizemos, rectificar erros de revisão. Hoje, porém, forçoso se torna alterar a regra geral. No ultimo artigo sahii: «Nestes casos, é interessante conhecer as razões em que se funda Hervé para a sua propaganda. Essas razões estão condemnadas n'um livro intitulado *Leur Patrie*. . . Ora ninguém, só a nossa revisão! poderia admitir a palavra *condemnadas*, que, nem pelo o que a antecedia nem pelo o que se lhe seguia, tinha alli cabimento nenhum. Hervé não podia condemnar, no seu proprio livro, as suas proprias razões. O que nós escrevemos foi: *condensadas*. Se não estamos em erro, faz differença de condemnadas!

Posto isso, e visto estarmos em maré de explicações, digamos outra coisa. Mandam-nos um papelucho, que nunca tinhamos lido, de cuja existencia nem sabiamos, onde um anarchista, socialista, ou coisa equivalente, que beijou a mão ao sr. Bernardino Machado na Travessa do Pinheiro, que tem enrouquecido varias vezes a dar vivas ao sr. Affonso Costa e a chamar-lhe *grande homem de bem*, que é membro da illustre *Associação dos Macabenos*, de cuja influencia espera, proclamada a republica, a extincção do pauperismo, ou não fosse seu digno presidente o nosso amigo Grandella, especie d'anjo macho da caridade da Republica, e seu digno secretario perpetuo o illustre França Borges, cujo coração de pomba tem arrancado lagrimas de ternura a mais do que um anarchista dos que confiam na virtude messianica da Travessa do Pinheiro e do Mundo, onde—fechamos o parenthesis—um anarchista-bernardo, ou um socialista-macabenco, ou coisa assim, diz que o sr. Homem Christo só depois de reformado combatete a tyrannia militar.

Ora para desmentir o bernardo, o macabenco, ou como lhe queiram chamar, temos nada menos do que isto: a collecção do *Povo de Aveiro*, onde foram publicados numerosis-

simos e ás vezes violentissimos artigos contra o militarismo durante o tempo em que o sr. Homem Christo estava nas fileiras; as cartas escriptas ás *Novidades*, onde os ataques á mandrice, á rotina, ao egoismo dos dirigentes do exercito eram formaes e bem claras; e o livro *Pro Patria*, não menos incisivo nem claro que os artigos do *Povo de Aveiro* e que as cartas que *Novidades* inseriu.

O sr. Homem Christo nunca beijou a mão ao rei, nem o anel ao bispo, nem o pé ao papa. Nem ao rei, nem ao bispo, nem ao papa, nem a ninguém. Disse sempre a todo o mundo, amigos ou inimigos, o que a sua consciencia lhe dictava. Sem procurar para isso occasiões. Era quando calhava. Fosse a soldado, fosse a general. Fosse a paizano humilde ou fosse a paizano elevado. Era duro? Foi algumas vezes violento? Excedeu-se n'esta ou n'aquella occasião? Talvez. Defeitos de temperamentos que não se vencem com facilidade. Mas o que foi, bom ou mau, foi-o com todos. Com todos. N'isso, como em muitas outras coisas, se distinguui d'aquelles que só tinham impetus maus contra os humildes.

Nunca favoreceu um soldado porque era protegido, desfavorecendo outro que não era protegido. Nunca, para auxiliar este subordinado, praticou uma iniquidade contra aquelle. Nunca deixou de pugnar pelas conveniencias e pela justiça de quantos estavam a seu cargo. Era preciso para isso dizer verdades amargas aos seus chefes? Dizi-as, verbalmente ou por escripto. E d'isso assumia a responsabilidade.

Se o macabenco quer dizer que o sr. Homem Christo nunca applaudiu as instigações feitas aos soldados por varios *democratas* para que os soldados assassinassem os officiaes, o macabenco tem razão. Nunca applaudiu. Fez mais. Sempre se indignou contra os applausos concedidos aos assassinos, ou fossem assassinos civis ou fossem assassinos militares.

Se o macabenco quer dizer que o sr. Homem Christo algumas vezes reconheceu a existencia d'officiaes tolerantes e bons no exercito portuguez, tem razão o macabenco. Oh, se tem razão o macabenco! Para o provar basta isto. Tem este semanario numerosos assignantes que são officiaes do exercito. Numerosos, ouçam bem, que bem alto o affirmamos. Pois combatendo este jornal o militarismo pela fórma que todos teem visto, nem um só d'esses officiaes o devolveu. Quer dizer que é n'elles muito menos forte o espirito de casta que no geral dos republicanos, dos *democratas*, o espirito de seita. Se censuramos as asneiras de Bernardino, apressam-se os bernardos a devolver o jornal. Se fulminamos os crimes de Affonso Costa, essa vergonha d'um partido que se diz de justiça, de moralidade, de reforma, apressam-se a fazer o mesmo os macabencos. E assim por deante. Mas annos seguidos temos combatido o militarismo. Mas constantes censuras temos feito ao egoismo do geral dos

officiaes do exercito. Mas temos ferido no mais intimo o preconceito militar. E nenhum dos nossos numerosos assignantes militares, nenhum! nos devolveu jamais o *Povo de Aveiro*. E temo-los de todas as cathogorias, de todos os graus, desde sargento até general.

Nenhum!  
Pois não ha officiaes tolerantes e bons no exercito portuguez? Ha, sim. E os proprios que são intolerantes não o são mais que os partidarios do rei Bernardino. Não! Tudo nos demonstra que não ha intolerancia igual á d'aquelles, salvas honrosas excepções, que por escarneo se dizem republicanos.

Tudo nos demonstra. Assim, não temos muitos assignantes padres. Mas os poucos que temos dão provas de tolerancia igual á dos militares. Ninguém dirá que o *Povo de Aveiro* não seja bem adverso ás religiões. E nem por isso um só d'esses padres—e se o fizesse estava, é claro, como todos os outros assignantes, no seu plenissimo direito—nos devolveu um jornal. Antes recebemos d'elles provas interessantes d'espirito democratico. N'outro dia mandavamos uma carta a um assignante do Minho—sem sabermos se elle era padre ou não—assignante antigo, lembrando-lhe que estava em atraso o pagamento da sua assignatura. Respondeunos que não lhe tinham apresentado o recibo, senão te-lo-hia pago immediatamente. Porque, acrescentava, estou velho, vejo pouco, mas ainda me chega a vista para lêr o *Povo de Aveiro* e espero em Deus que a terei para o lêr até á morte.

Esse homem era um padre. Com grande surpresa nossa se nos revelou o prior da freguezia!

Homens intelligentes, superiores ao espirito de seita e de casta, crenças na evolução da humanidade e considerando mesquinhas todas as instituições em face do progresso das idéas. Tudo morre. Tudo se transforma. Para que perseguir rancorosamente os que marcham na frente, annunciando e defendendo as transformações de amanhã?

Quer o macabenco ainda dizer que o sr. Homem Christo entendia que não podia existir a instituição actual, que se chama exercito, sem disciplina? Tem o macabenco ainda razão. Mas o que o macabenco não pôde afirmar, nem ninguém, é que o sr. Homem Christo não defendesse a disciplina activa de preferencia á disciplina passiva; é que o sr. Homem Christo não empregasse os maiores esforços com a palavra falada, com a palavra escripta, e com o seu trabalho dentro dos quartéis, para elevar o nivel moral e intellectual do exercito portuguez; é que o sr. Homem Christo não procurasse por todas as fórmas democratizar esse exercito.

Emfim, quer o macabenco dizer que o sr. Homem Christo progrediu em idéas, que está hoje mais adiante do que estava hontem, que marcha, que caminha, que não pára, e, sobretudo, que não retrocede? Pois tambem tem razão o macabenco. Mas para tudo ser comico n'este paiz só faltava que um anarchista, ou um socialista, viesse apedrejar, em vez de festejar, um republicano que prefere avançar a recuar.

Oh santo anarchista-bernardo!  
Oh doce socialista-macabenco!

E no proximo numero acabaremos de expôr as doutrinas de Hervé, o que é util e interessante. Util, porque só assim os leitores ficarão com pleno conhecimento de causa da grande questão que tem impressionado a França. Interessante, porque se é certo que esse homem chega a conclusões violentas e prejudiciaes no estado actual da Europa, tambem é certo que diz verdades como punhos.

E' da consideração que essas e outras verdades levam ao espirito de todos, é da justiça que ellas impõem, que deriva, afinal, a resultante progresso. Não se dá a Hervé tudo quanto elle pretende. Mas dá-se-lhe muito. E sem esses homens, todo o progresso seria tão bruto que quasi se lhe poderia, com razão, chamar uma mentira.

## QUEM OS VIU E QUEM OS VÊ!

Sob o titulo: *Dreyfus, paisano*, publicava a *Lucta* na sexta-feira da penultima semana um interessante artigo, a que não nos referimos no domingo passado porque já não tinhamos tempo para isso. Mas vamos fazê-lo hoje, pois n'esse artigo continua o jornal do sr. João de Menezes e do sr. Brito Camacho a sua obra reaccionaria.

Comecemos por transcrever-lo na integra, que vale a pena, uma vez que este semanario é o valioso repositório, e como tal ficará para o futuro, das poucas vergonhas, das idiotias, das heresias e dos attentados contra a democracia praticados pelos que ousam dizer-se dirigentes da democracia em Portugal.

Eis o artigo:

«Dreyfus abandonou a carreira militar—disse-nol-o ha dias um telegramma. A maior parte dos jornaes francezes nem sequer dêram esta noticia, que appareceu escondida n'um canto do *Journal Officiel*, chegando até a haver duvidas sobre a sua autenticidade por nas fileiras do exercito francez serem conhecidos uns vinte officiaes com o appellido de Dreyfus.

Assim acaba a carreira do homem que mais deu que falar nos nossos tempos. E, porquê? Porque é que o ex-prisioneiro da ilha do Diabo abandonou o exercito que elle tanto dizia amar e por amor do qual tanto soffrera? Por despeito.

Como deve estar na memoria de todos, Dreyfus foi, em seguida á sua reabilitação, nomeado major e official da Legião d'Honra. Não satisfeito, porém, com isso, pouco tempo depois requereu a sua promoção a tenente-coronel, que é o posto que actualmente têm os seus antigos companheiros.

Mas o requerimento foi indeferido. Nem Picquart, nem Clemenceau, ambos hoje no poder e outrora dois dos primeiros campeões da causa dreyfusista, quizeram ouvir mais falar em Dreyfus, logo que os seus esforços tiveram o brilhante desfecho de todos conhecido. Dreyfus voltou-se então para os outros homens que o haviam defendido tambem, mas todos elles lhe voltaram as costas. Em presença d'isso, demittiu-se.

A causa d'este fracasso não é difficil de explicar. Dreyfus nunca possuio o precioso dom da sympathia. Era innocente do crime de traição que lhe haviam imputado; era, alem d'isso, intelligente, e pundonoroso, mas soberbo, reservado, petulante e nunca soubo sorrir nem manifestar exteriormente os seus sentimentos.

Quando regressou a França, aquelles que tudo haviam arriscado para o salvar, Zola, Anatole France, Clemenceau, Picquart, Pressensé, Labori, esperavam encontrar um homem que soubesse apertar-lhes calorosamente a mão e abal-os com os olhos marejados de lagrimas de reconhecimento.

Mas Dreyfus deixou todos os seus amigos gelados. Julgou, talvez, que elles estavam bem pagos com o triumpho completo da campanha e com a influencia politica ou intellectual que esse triumpho lhes trouxe. Não viu que essa victoria e os seus beneficios não eram devidos a um calculo, friamente feito, mas a um impulso generoso, sahido das mais intimas fibras do coração. E se o viu, se comprehendeu em toda a sua amplitude a acção dos seus defensores, pensou que as suas proprias penas tinham sido muito maiores do que as dos seus amigos—no que tinha razão—e que, portanto, deviam continuar a offe-sideral-o como um martyr—o que tambem estava certo—e como um heróe—o que já não tinha razão de ser.

Mas, provavelmente, não pensou em nada d'isso, provavelmente, comprehendeu bem a grandeza espiritual dos seus defensores, mas não soube exprimir a vedaram-lho a sua soberba, a sua vaidade e os musculos da cara que não souberam fazer a sorrir.

E n'este mundo não basta ser innocente e bom: é preciso saber sorrir. O nosso sorriso abre-nos as almas alheias e é mister saber entrar nas almas alheias para se conseguir alguma coisa dos outros.

O que aconteceu a Dreyfus devia servir de exemplo a todos os homens bons que se acham condemnados ao isolamento porque a sua petulancia os impede de mostrarem a sua bondade.»

Qual dos dois ex-anarchistas escreveu isto? Qual foi? Foi o que glorificava José Falcão como defensor dos *martyres da communa de Paris*? Foi o que justificava o assassinato e desculpava os assassinos de Humberto e de Carnot? Foi um dos dois. E, fosse quem fosse, é espantoso que no jornal onde os dois mandam, e onde mandam a valer, apparecesse um escripto de tal ordem.

Segundo Brito Camacho, o glorioso auctor das piadas pornographicas da Toselli, do senador Tognanni, de Magalhães Basto, das pornographias ainda mais pornographicas das chronicas de Paris e de varios *As de Leve*, que tornarão necessaria, a continuarem, a inter-necessidade da Moral Publica coagindo a *Lucta* a declarar-se jornal de leitura só para homens, segundo Brito Camacho, Dreyfus devia beijar as mãos aos seus salvadores e andar sempre de riso nos labios.

Mas o escriptor pornographico da actualidade, que põe agora toda a sua gloria em agradar ao burguez pela troça a todos os mais rasgados e generosos ideaes democraticos, e em crear, ainda para uso d'esse burguez reaccionario e dissoluto, uma pornographia litteraria, uma pornographia elegante, é tambem o escriptor dos *Dois Crimes* e d'outras obras revolucionarias. E nos *Dois Crimes* Camacho achava naturalissimo que *houvesse labios onde nunca se illuminassem em perspectivas de felicidade*.

Camacho, como bom anarchista, revoltava-se contra a esmola. Camacho não queria esmolas, que abatem a dignidade de quem as recebe. Camacho não queria esmolas. Camacho queria justiça. A esmola é um attentado á justiça, é uma offensa á dignidade humana. Como ousa agora Camacho fazer a apologia da esmola? Como ousa agora Camacho pretender que se arraste pelo chão, deante do seu benefeitor, todo aquelle que o benefeitor favoreceu?

Dreyfus, segundo Camacho, recebeu uma esmola. O seu dever era beijar a mão do benefeitor. Não o fez? O benefeitor voltou-lhe as costas e é justo tudo quanto se fizer agora contra o favorecido.

Não é outra a moral do artigo da *Lucta*. É essa. Só essa. E bem clara. Escusados se tornam esforços de hermeneutica.

Camacho escreveu nos *Dois Crimes*:

«Desculpe, burguez amigo; mas esse rapazola que cravou um punhal na figadeira de Carnot, á vista de toda a gente, em plena luz do dia, é mil vezes mais digno da nossa consideração que todos esses conselheiros que por ali traficam na politica, illudindo as disposições do código penal com as facéis habilidades d'uma consciencia prostituida.»

Pois o cidadão, que assim exaltou o assassino do presidente da Republica, e que assim rebaixou os conselheiros de cá e de lá, é o mesmo cidadão que queria ver Dreyfus de joelhos só porque se lhe fez o favor de o arrancar, passados annos, ao martyrio da Ilha do Diabo?

Aqui, ao lado da mesa sobre a qual escrevemos este artigo, n'uma estante de livros, temos uma obra curiosa que se intitula *Histoire de l'Affaire Dreyfus*. São cinco volumes, cinco grossos volumes, preenchidos das maiores patifarias que a maldade humana poderia inventar. Queriam o cidadão, que fez a apologia dos assassinos do rei Humberto e do presidente Carnot, que a victima de todas essas atrocidades, de todas essas canalhices, de todas essas infamias, se julgasse satisfeita com o grau de major, de que havia sido infamemente esbulhado, e com a fitinha de official da Legião de Honra, que figura na lapela de todos os canalhas que o quizeram deshonrar e que o fizeram torturar na Ilha do Diabo!

«Não satisfeito, porem, com isso, (o ter sido nomeado major e official da Legião de Honra) pouco tempo depois requereu a sua promoção a tenente-coronel, que é o posto que actualmente tem os seus antigos companheiros. Mas o requerimento foi indeferido. Nem Picquart, nem Clemenceau, ambos hoje no poder e outr'ora dois dos primeiros campeões da causa dreyfusista, quizeram ouvir mais falar em Dreyfus, logo que os seus esforços tiveram o brilhante desfecho de todos conhecido. Dreyfus voltou-se então para outros homens que o haviam defendido tambem, mas todos elles lhe voltaram as costas. Em presença d'isso, demittiu-se.»

E applaude. Diz isto, o ex-anarchista, e applaude. E applaude! Não ha ninguém que não veja que todo o artigo da *Lucta* é uma censura a Dreyfus e um applauso aos que lhe voltaram as costas.

Ora todo o mundo estava auctorisado a voltar as costas a Dreyfus. Todo o mundo. Mas ninguém estava auctorisado, absolutamente ninguém, a deixar de lhe fazer justiça. E não promover Dreyfus a tenente coronel foi mais que uma injustiça. Foi, posto por um que á custa d'elle subiu a ministro da guerra, o remate condigno ás patifarias contra elle praticadas.

Pois quê? Pois Picquart passa de tenente-coronel a general de brigada, o que faz muita diferença de passar de major a tenente-coronel, porque a promoção ao posto de general, em França, é feita por escolha, pois Picquart, feito n'um dia general de brigada é feito no outro, por assim dizer, general de divisão, coisa nunca vista em França, durante a Republica, até esse momento, pois Picquart, elevado n'um dia de tenente-coronel a general de brigada, recebendo logo em seguida a alta distincção de ser feito general de divisão, é, ainda por cima, nomeado ministro da guerra, tudo isso porque soube agradar a Clemenceau e aos amigos de Clemenceau, tudo isso porque tem o dom de sorrir, e Picquart nem sequer faz tenente-coronel e desgraçado Dreyfus, só porque Dreyfus, no dizer de Camacho, não sabe fazer contumelias nem sabe sorrir como Picquart?

Que justiça é esta, que tantos

applausos arranca ao anarchista Camacho? Que democracia é esta?

Vamos que valha alguma coisa saber rir e saber rastejar. Vamos. Mas para tudo aquilo que seja acto de mero favor. Mas para tudo aquilo que não brigue com o direito, pelo menos. Qualquer póde fazer favores ás pessoas de quem goste e não o fazer ás pessoas de quem não goste. O que ninguém póde, por modo algum, sobretudo no exercicio de funções publicas, é lembrar-se das suas antipathias para deixar de fazer justiça ou para commetter iniquidades.

A contrabalançar as antipathias physicas, chamemos-lhe assim, da creatura que usa o nome Dreyfus, havia a sympathy moral da desgraçada victima, do infeliz prisioneiro da Ilha do Diabo. Havia a consideração de que esse homem, dada mesmo a hypothese de que pouco houvesse soffrido na sua prisão e no seu degredo, tinha sido o objecto da mais odiosa tyrannia e da mais cruel perseguição. Isso bastaria para que houvesse alguma condescendencia com elle, se, por ventura, condescendencia fosse precisa para Dreyfus ser promovido a tenente-coronel. Isso bastaria, n'um exercicio onde a primeira condição de promoção tem sido frequentar as sacristias, saber rezar o terço e commungar todas as semanas.

Isso bastaria!

Mas Dreyfus, confessa-o Camacho, e confessa-o bem, é intelligente. Mas Dreyfus, ainda segundo Camacho, é pundonoroso. Como deixou então de ser promovido a tenente-coronel, sendo já tenentes-coroneis os seus antigos camaradas, os seus condiscipulos, os officiaes do seu tempo?

Pouca vergonha! Revoltante pouca vergonha! E pouca vergonha não só pelo acto em si como pelo applauso de todos os democratas das duzias!

Já vimos n'outro dia aqui, n'um artigo, como esse homem Picquart se está curvando ao odioso espirito militar. Já vimos como uma das primeiras figuras do partido radical, como um dos chefes d'esse partido, que ainda agora no congresso de Nancy exerceu uma acção dominante, Camillo Pelletan, lhe chamava ironicamente *general* e ironicamente lhe dizia que não puzesse tanta *coquetterie* em mostrar aos reaccionarios, pelos favores que lhes fazia, que esquecia tudo quanto elles lhe fizeram soffrer.

*Cela alors que le ministre jadis persécuté par les états majors cléricaux et réactionnaires, met tant de coquetterie à montrer, par les faveurs qu'il leur donne, qu'il a oublié ce qu'il en a souffert.*

*Ce que vous en avez souffert personnellement, oui, général. Il est très beau, très généreux de l'oublier. Cela rapelle les traits les plus fameux de l'antiquité. Mais ce qu'en ont souffert les officiers républicains... il vaudrait peut-être mieux ne pas l'avoir trop oublié.*

Já vimos como assim falava um amigo do ministro da guerra, um seu eminente correligionario, um dos mais prestigiosos apoios do actual ministerio.

Pois bem. Essas palavras dizem tudo. Essas palavras dizem que o unico motivo, porque Dreyfus não foi promovido a tenente-coronel, foi o odio com que o exercito francez viu sempre a sua victima e a *coquetterie* que põe agora o general Picquart em ser agadavel aos reaccionarios. Essas palavras dizem que Dreyfus se demittiu porque, farto de soffrer, farto de lutar, se convenceu da tollice de continuar a ser victima por mais tempo, perdida a esperança de ver triumphar a justiça. E essas palavras dizem que ainda ha alguém em França, como sempre, capaz de não calar a verdade; ou que, pelo menos, quando se cale a verdade, não ha ninguém capaz de sustentar que o dever d'um homem cheio de soffrimento e de justiça é andar a beijar as mãos d'aquelles que na sua pessoa combateram a infamia e defenderam a justiça, e que, se o não fizer, será bem merecido todo o esquecimento a que o votarem, todo o desprezo a que o condemnarem, ou toda a guerra crua que lhe moverem.

Não! Essa gloria estava reservada para os nossos *anarchistas*!

«Não trema, amigo burguez, que o caso não é para isso.

Desfructe as suas riquezas; roube e seja phylantropo; feche as escolas e mande abrir egrejas, *que ali está o exercito, brioso e aguerrido, prompto a manter a Ordem*—condição indispensavel para se dar ordem á vida.

Que importam á felicidade dos poderosos as agonias da canalha? —Ha muitas boccas sem pão? ha muitos braços sem trabalho? ha muitos cerebros sem luz?

Olá, feis depositarios da força!... Amordacem essa gente que protesta, que a noite vem cahindo serena e mansa, e Sua Omnipotencia—A Burguezia—sente pesar-lhe nas palpebras a languidez indefinivel dos sonhos cor de rosa.

Não lhe perturbemos o somno...

Palavras de Brito Camacho, *in illo tempore*, quando... era anarchista.

Hoje... Dreyfus que se risse, que beijasse a mão dos bemfeitores, que se arrastasse como um lacrao, se queria pertencer ao *brioso e aguerrido exercito francez*, que está de guarda á Ordem, emquanto a Burguezia dorme... o seu somno cor de rosa.

Não o fez? Pois então... rna, que a Burguezia não está disposta a fazer favores a ingratos.

Não querem que sejam favores? Chamam-lhe justiça? Chamam-lhe direito? Chamam-lhe verdade? Cantigas... para a Burguezia e para o sr. Brito Camacho!

Fazer justiça é, para a Burguezia e para... o sr. Brito Camacho, o mesmo que dar 10 reis a um pobre.

Vá lá o pobre, depois de receber os dez reis, deixar de rezar a ladainha do agradecimento!

Vá lá o que é faminto de justiça, como o outro de pão, deixar, depois de receber justiça, de se prostrar aos pés do seu... recto bemfeitor!

E, na verdade, na verdade! Como ha de ser juiz, como não ha de ser bemfeitor, se a victima só recebeu justiça por um acaso!

Que vingue o symbolo... social: Justiça d'olhos vendados, a Ordem d'olhos abertos, e a Burguezia, excitada pelo estylo erotico de Brito Camacho, a entrar... languidamente em Barcelona!

Ao amanhecer da... do reinado de Bernardino Machado!

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I. 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Inglesa, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.

ALCOBAÇA

Antonio Vazão.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

THEATRO AVEREENSE

Uma récita verdadeiramente extraordinaria foi a que na sexta-feira se effectou no nosso theatro pela celebre artista transformista, *Domini*, cujo trabalho artistico foi um primor de correccão.

O publico applaudiu freneticamente, e com justiça, os trabalhos de tão distincta como celebre artista.

Cartas de Lisboa

1 DE NOVEMBRO.

E ninguém ficou sabendo qual era a curiosa brochura sobre a Alemanha a que eu me referia! Resultados da precipitação com que se escreve. Escrevo a correr, não torno a ler o que escrevo, e, assim, não só ponho no papel, ás vezes, palavras diferentes das que tenho no pensamento como, outras vezes, não ponho lá nenhuma, julgando que as escrevi. Foi este o caso da ultima semana.

A curiosa brochura chama-se *La Débâcle de l'Allemagne dans la guerre prochaine* e figura como seu auctor um tal conde Zéryn. O auctor é pessimista. Mas não ha duvida nenhuma que diz grandes verdades e que conhece a fundo a vida intima da Alemanha, em geral, e do seu exercito, em especial. Ha n'esse livro, por exemplo, um capitulo que o grande escandaloso que se deu ha dias em Berlin, e que tem sido o assumpto do dia de toda a imprensa europea, motivo porque me resolvo, tambem, a fallar hoje da Alemanha n'estas cartas, confirmando inteiramente. Intitula-se o capitulo: *État moral de l'armée allemande; débauche parmi ses 245000 officiers*. E n'elle se refere Zéryn aos vicios espantosos que minam o exercito allemão, entre os quaes menciona o *sadismo*.

«L'esprit de révolte, la marche progressive des insoumissions et des défections parmi les soldats, dégoûtés par l'excessive sévérité de la discipline, par un système de brutalités barbares de la part des officiers, qui n'est à expliquer que par le **sadisme**...»

Não sabemos se todos os leitores saberão o que quer dizer *sadismo*. Nós tambem o não sabemos muito bem. Mas recorrendo aos nossos conhecimentos historicos dizem-nos elles que houve em França um Marquez de Sade que era, nem mais nem menos, o nosso... Marquez de Vallada. Ora d'ahi, calculo, é que deve vir *sadismo*. Nós nunca lhe chamámos cá *valladismo*. Mas os francezes são menos hesitantes em arranjar termos novos que melhor exprimam, que os já existentes, uma idéa. *Valladismo* diria tudo em Portugal, e muito mais syntheticamente e decentemente do que se diz pelos termos conhecidos, que não dispensam o condimento litterario do sr. Brito Camacho. Que—sejamos patriotas—o Marquez de Vallada estava muito acima do Marquez de Sade. O Marquez de Vallada fazia o seu gostinho como lhe dava na gana. Mas, fóra d'isso, as suas palavras eram de ouro, e, por ellas, ninguém o levava preso. Pelo contrario: eram de natureza a valer-lhe uma estatua. Conheço homens na republica, os reformadores da sociedade! exaltados pelos correligionarios como a quinta-essencia da pureza humana, que são taes quaes o Marquez de Vallada. Nunca percebi como o Marquez de Vallada era um objecto de desprezo publico e como alguns d'esses homens do futuro são cofres de virtudes e caixas de delicias para os correligionarios. Como não percebo que o *Mundo* mostre, por isso mesmo, elle, que tantas vezes em prosa homérica tem exaltado os canalheiros, tamanha indignação contra o general Moltke, o Marquez de Vallada de Berlin.

Mas sejamos patriotas, repito. O Marquez de Vallada fóra da alcova era um portuguez de lei. A falar, parecia mesmo um *homem do futuro*. E o Marquez de Sade, não. Este, talvez, que para se vingar da bisavó, que sendo casada com o primeiro Sade de que reza a historia se deixou apaixonar por Petrarcha,—era a famosa Laura de Petrarcha—este não se limitou á alcova. Fez a apologia de todos os seus vicios em livros que correm impressos. Um grandissimo desavergonhado.

Ora *sadismo* deve vir de Sade. E, se fór assim, está tudo explicado.

A brochura do conde Zéryn foi publicada ha dois annos e a ella se referiu o *Povo de Aveiro* em successivos artigos. Não faltou então quem considerasse *tudo aquillo uma calumnia, tudo aquillo uma peta*. Eram os graves partidarios da sábia, moralizada, ponderosa Alemanha. Pois agora ahi tem.

O conde Zéryn não se limitava a chamar *valladistas*, isto é *sadistas* aos officiaes allemães. Dizia mais alguma coisa, que isso não era tudo.

«Des milliers d'officiers de l'armée allemande deviennent chaque année victimes de raffinements sybaritiques par suite du ramoblissement.»

Continua Portugal a vencer, pois o Marquez de Vallada morreu de velho e não nos consta que nenhum dos *valladistas* mais em voga, ou pertença ao numero dos homens do futuro, ou aos do passado, ou aos do presente, haja morrido de *ramoblissement*, palavra de tal ordem que d'ella diz o auctorizado Bescherelle no seu dictionario: «Ce mot, nous ne savons pourquoi, est omis dans tous les dictionnaires; il est pourtant fort usité en médecine.» Ah, mas é que a medicina é a medicina e os medicos são os medicos. Veja-se o sr. Brito Camacho. A medicina e os medicos não estão com ceremonias. Tudo lhes é permitido. E como tudo lhes é permitido tudo usam e tudo põem á mostra.

Mas Zéryn não parava ahi «La passion du jeu a pris des proportions redoutables, telles que l'Empereur a dû faire des observations aux chefs d'armée. Les procès retentissants de Berlin et de Hanovre ont fait jaillir des révelations stupéfiantes à cet égard.»

Les détournements, les fuites, les suicides se répètent avec un accroissement déconcertant. Les passions les plus infâmes s'étalent presque au plein jour dans les petites et dans les grandes garnisons.»

Tudo! *Valladistas*, bebedos, jogadores e ladrões!

E dava-me o amigo, que me escrevia a fazer a apologia do militarismo, para exemplo a Alemanha! Não está mau exemplo!

Mentia o conde Zéryn? Não, como o caso recentissimo do general Moltk e Harden, referido esta semana por todos os jornaes, o prova eloquentemente. Para quem conhecia bem o exercito allemão e a Alemanha não era preciso esse caso. Mas ainda bem que elle veio.

Não, Zéryn não mentia e por isso mesmo não faltavam muitos outros escriptores d'igual opinião.

Em dois interessantes e eruditos artigos publicados em julho de 1905 na *Revue*, sob o titulo *Une crise dans l'armée allemande*, abundava E. Rybel, seu auctor, no parecer de Zéryn. Simplesmente Rybel escreve muito melhor e com mais profundeza ainda que Zéryn.

Vejamos uma pequena passagem d'um d'esses artigos, aliás muito grandes:

«Desde a formação do exercito prussiano que os seus officiaes eram reputados pela sua seriedade, o seu espirito d'economia, o seu amor pelo estudo e pelo trabalho. Davam aos seus subordinados o exemplo da maior dedicacão e da mais stricta disciplina militar, incutindo-lhes as mais altas qualidades do soldado, a coragem fria e pensada, uma intima e leal camaradagem, o respeito pelo superior, a abnegação mais completa, um patriotismo activo e ardente. Bismark dizia na tribuna do Reichstag: *tenos os melhores officiaes do mundo* e tinha razão para o dizer. Officiaes com sólida instrucção militar, com alta idéa da sua classe, a mais respeitada no reino da Prussia, considerando a maior de todas as honras vestir o uniforme de sua magestade, o que os livrava de praticarem muitas irregularidades, pois era preciso mostrarem-se em tudo e por tudo dignos d'esse uniforme... Mas os de hoje não se assimellam em coisa nenhuma aos os seus antepassados. A maior parte d'elles perderam as velhas virtudes caracteristicas do official prussiano. Ao espirito de parcimonia substituiu-se o de dissipacão. São immensos os que passam a vida a procurar meios mais ou menos honestos d'arranjar dinheiro; não hesitam em empregar para esse fim os processos mais escabrosos; andam crivados de dividas e não recuam deante de coisa alguma para se desembaraçarem dos credores. Geralmente abandonam os estudos e todo o trabalho sério para se entregarem aos prazeres mais grosseiros. As ultimas revelações provam-nos (isto era ha mais de dois annos) **que não respeitam**

mesmo as leis mais elementares da moral. Apesar de todos os esforços feitos para abafar certos casos escuros, (isto era ha mais de dois annos, não esqueça) o publico não ignora que ha officiaes que commettem attentados contra os costumes; que outros teem sido envolvidos em gravissimos escandalos e que o governo, em lugar de os submeter a conselho de guerra, os tem deixado ficar na maior impunidade. Os jovens officiaes chegam a perder todo o respeito pelo decoro publico; não é raro, nas pequenas guarnições militares, encontral-os pela rua n'um berreiro formidavel e completamente embriagados. O adulterio, entre elles, está na moda. Encarniçam-se em enganar o seu melhor amigo, em lhe destruir o lar. Crimes ferozes, calumnias cochichadas nos salões mimam o espirito de camaradagem, a boa e cordial fraternidade indispensaveis n'um corpo d'officiaes. Em alguns regimentos são as mulheres dos officiaes que põem e dispõem; em outros reina uma anarquia completa. Por toda a parte as negligencias mais graves no serviço, roubos e desvios de fundos; por toda a parte o desleixo e a preguiça.

Assim, entre muitas outras coisas, escrevia Reybel.

Mas ha muito que dizer a esse respeito, muito. E não só sobre o exercito. Sobre toda a administração allemã, tão immoral na parte civil como na parte militar.

O amigo que nos escreveu admirava o militarismo allemão, e a força, e o prestigio que elle tem dado á Alemanha? Pois então ha de admirar a valer.

Ou n'estas cartas, ou no artigo ou artigos especiaes já promettidos, que é o mais provavel, diremos da nossa justiça.

Enquanto o nephelibata Julio de Vilhena prepara a grande campanha de que ha de resultar a abertura das cortes em 2 de janeiro!

Francamente, sempre tivemos o Hintze na conta d'um mediocre. Mas se fossemos regenerador, agora diriamos como elles:

Fez falta o Hintze!

C.

LIVROS ANALYSANDO

Cunha Lobo.

NOVO METHODO LEGOGRAPHICO.

Instruir, é libertar. Libertar, é cumprir um rigoroso dever de humanidade.

Eu sempre tive uma sympathia ardente pelo homem que ensina. Sempre uma curiosidade natural misturada de fervorosa admiração, me aproximou daqueles que dedicam a sua vida a diminuir a ignorancia dos outros. Sempre senti necessidade de me juntar aos que sabiam mais do que eu, e me ensinavam. Aos que me diziam coisas novas, com o mesmo entranhado amor que a mãe estremeza dedica a filhos queridos, ao ensinar-lhes a pronunciar as primeiras palavras da infancia. Eu sempre gostei desses homens, inteligentes e bons, que comprehendem a vida e procuram fazer viver os outros. Esses homens que outra recompensa não têm que não seja a satisfação intima de verem hoje o desabrochar dum cerebro, amanhã o despontar duma intelligencia adormecida. Porque elles nem ao menos têm a simpatia e o respeito de todos. Não! São perseguidos e odiados pela turba pelintra dos invejosos mandriões e dos pulhas. Como feras de temer são considerados pelos que exploram e roubam, cuja força vem toda da ignorancia dos explorados. Eu sempre gostei desses homens que, instruindo e educando, estão cumprindo o primeiro dever de todo o homem de coração. Elevando o nivel intellectual e moral do homem estão-o preparando para os mais vastos trabalhos, e abreviando a existencia desta sociedade infame. Tanto mais depressa seremos perfeitos, quanto maior for o esforço despendido para alcançar esse grau mais ou menos elevado de perfectibilidade a que aspiramos. Por isso, quando aparece um homem que trabalha, que estuda a maneira mais facil de resolver o problema da instrução, esse homem é logo a meus olhos sympathico e util, quer dos seus trabalhos se tire ou não fruto proveitoso. Estudo, trabalho, foi sincero, mas foi impossivel tirar do seu trabalho resultados precisos? Embora! Não foi por isso util? É um erro. Nenhum esforço se perde. Se elle não resolveu o problema que estudava, resolveu-lo-hão outros, mas o ato desse homem veio despertar iniciativas intimaes, vai atrair sobre a questão a atenção publica, o que já é alguma coisa.

Durante este verão, dois espiritos adiantados que são tambem dois bellos corações, os srs. Lopes d'Oliveira e Thomaz da Fonseca, empregaram as férias desempenhando uma missão das Escolas Movelis naquellas serranias pedregosas da Boira, onde ainda não havia chegado um baf-jó quente da civilização. Como é simpática esta obra! Como elles proprios se deve sentir satisfeitos consigo, conscientes da sua utilidade. Oxalá apreceassem muitos que, como estes, aliassem a uma intelligencia cultivada a perseverante tenacidade dos apóstolos!

Mas passemos propriamente ao assunto que pretendemos tratar.

Publicou-se não ha muito um methodo de leitura e escrita intitulado Novo Methodo Legographico, de que é autor o sr. Cunha Lobo, professor primario em Castello de Paiva.

O seu nome, embora ainda não tenha andado de boca em boca apregoadado pelos clarins da fama, nem se tivesse já mais prestado, como tantos basbaques que ha para ahi, a servir de instrumento á furia reclamadora da imprensa indigena, não nos era todavia inteiramente desconhecido.

Quando vimos o seu methodo, acostumados a não ler sobre este assunto senão porcaria, não o abrimos, nem lêmos. Ha dias, porém, como falassemos d'analfabetismo, algum nos disse que lêsemos o Novo Methodo Legographico, porque é uma bella obra. Corremos a buscá-lo e desde a primeira pagina começamos a interessar-nos e agradecer-nos.

Sinceramente modesto e despretençioso, a contrastar com esses dilettantes exhibicionistas e vaidosos, que por ahi apparecem a nadar nas asneiras que escrevem e dizem, o sr. Cunha Lobo é um trabalhador sincero e ativo, conscio do rumo que o norteia. O sr. Cunha Lobo, que muitos de lunatico aleluando teem—o que para mim é já uma garantia—trabalha não por vaidade ou interesse, que lhe repugnam, mas na convicção de que cumpre um dever sagrado.

Obrigado a fixar residencia numa aldeia, onde os que não eram pauperissimos, tinham de dia a dia, trabalhar, para das inclemencias desapiadadas da miseria perseverarem a familia, que alumnos para leccionar me appareceram? Os que para o estudo tinham magnificas aptidões? Não. Para esses estava as ordens o gratuito professor official. Imperfeições cerebraes, órgãos vocaes imperfeitos—eis o que me appareceu para me tornar conhecido. Trabalho inoportuno e de resultados quasi nulos.

A reprimir, com palmatoadas, deficiencias physicas nunca se anulou o meu feitiço que muitos de lunatico aleluando teem.

Como poderia elle conseguir que, sem serem martyrisadas, essas pobres creanças de memoria fraca, retivessem as lições?

Como poderia eu conseguir que, sem castigos barbaros, essas creanças de imperfeições vocaes, desenvolvessem a voz praticando?

A unica solução do problema, era sem duvida—escrever as lições.

Mas se fossemos apresentar ás creanças letras diferentes com o mesmo valor, a confusão seria tal que nada seria fixado.

Lembrei-me então, de coordenar um methodo, em que á creança se fossem apresentando, com caracteres identicos, as letras manuscritas e redondas, principiando, como era conveniente, pelas mais facis de escrever.

Como se vê destas linhas publicadas pelo autor no Guia para o Professor, o seu methodo foi o methodo duma necessidade imperiosa. Só elle podia sentir essa necessidade, porque ella nasceu de circumstancias occasionaes. Para mim tem duplo valor tudo quanto é ditado pela necessidade. Tem, pelo menos, a qualidade de ser trabalho sincero. Em presença das difficuldades acima referidas, e sr. Cunha Lobo vê-se-hia inutil se lhe não occorresse a idea de escrever as lições. Fez assim e deu-lhe isso optimos resultados.

Orá ha neste methodo um ponto realmente muito importante. Diz o autor que se fosse apresentar ás creanças letras diferentes com o mesmo valor a confusão seria tal que nada seria fixado.

D'accordo. Diz muito bem. Faz-se nitido que a creança aprenderá muito melhor a ler e a escrever desde que encontre accentuado semelhança entre os caracteres impressos e os manuscritos. O Novo Methodo Legographico resolve esta difficuldade que em men entender é importante. Eis o motivo porque lhe não regateio applausos.

Contudo não vá julgar-se que elle é completo, maravilha geral em Castello de Paiva para resgatar Portugal. Não senhor. O methodo do sr. Cunha Lobo resolveu uma difficuldade, representa um esforço, é util. Mas as maiores difficuldades que havia na aprendizagem da lingua subsistem contudo.

A evolução é uma lei natural que se exerce sobre todos os organismos. Ora as litteraturas, como as linguas, são verdadeiros organismos sujeitos a preceitos de origem, desenvolvimento e decadencia, portanto, fatalmente obrigados a evoluir.

Ha um principio que que preside a todas as manifestações da vida. É o principio da economia. A lingua é, incontestavelmente, a primeira manifestação de valor dum povo. Segundo os costumes e as aptidões desse povo, segundo o clima e outras condições, segundo diversas causas que influem no seu desenvolvimento, a lingua se vai successivamente modificando, tendendo constantemente a realizar o seu fim da maneira mais simples.

E ainda obedecendo a esse principio de economia que eu entendo e sustento que a lingua portugueza em que ha algumas

letras cada uma com uns poucos de valores e umas poucas para designar o mesmo, o que extraordinariamente difficulta a sua aprendizagem como facilmente se comprehende, ha-de tornar-se cada vez mais simples, chegando a ter um signal para cada som. E é ainda por isso que eu entendo que todos os esforços dos que desejam a extincção do analfabetismo, que é a grande barreira que nos separa da civilização, que é a grande força dos exploradores, que é o que nos afasta da sciencia, fonte de toda a felicidade, é ainda por isso que eu entendo que todos os esforços dos que desejam a extincção do analfabetismo devem convergir para a simplificação da lingua.

É essencial que tratemos sempre de economisar tempo e energias. E a nossa obra de humanitários é tão grande, tão vasto o tempo que a nossa consciencia nos impõe que, ai de nós, se não subbermos aproveitar a tempo as poucas forças que nos restam!

E aqui está o motivo porque sendo útil, o Novo Methodo Legographico é incompleto.

«Para as Creanças», por Anna de Castro Osorio—5.ª série—2.ª edição—1907.—Acaba de publicar-se mais um volume d'esta importante e util publicação, dirigida pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio. É o cioso elogiar esta obra que todos consideram excelente. É necessario prestar mais uma vez homenagem á sua autora para que lhe reste a satisfação de se ver comprehendida e apoiada. Ainda que os d'hoje a não comprehendessem, ella não desanimaria, bem o sabemos, porque além de ter a consciencia de que estava fazendo trabalho de infinita utilidade, sabia perfeitamente que mais tarde lhe fariam justiça. Contudo não nos furtamos a dirigir á eminente escritora calorosas saudações d'aplauso e incitamento.

A todos os pais recomendamos esta bibliotheca que é uma escola de moral, e, delectando a imaginação das crianças é para ellas proveitoso ensinamento que fortifica o raciocinio e prepara a intelligencia para mais largos vôos.

Theatro Infantil—IV—Um Sermão do Senhor Cura.—Dialogo original de Anna de Castro Osorio—1907—Livraria Editora «Para as Creanças».

Esplendida esta pequenina peça do Theatro Infantil. Parabens á autora e ao publico. A'quele, porque é incansavel pela educação das crianças; a este, porque tem á mão um esplendido folheto que, moralizador e instrutivo, fará a alegria dos seus pequenos filhos.

Agradecemos a gentileza da oferta.

A Rede Solta, EDUARDO DE NORONHA Edição da Livraria França Amado—Coimbra.

De Automovel, idem, idem.

São dois volumes, cada um de duzentas e tantas paginas, esplendidamente editadas pela conhecida livraria de Coimbra, e que constituem uma notavel coleção de contos escolhidos, sob o superior critério do notavel escritor Eduardo de Noronha. São dois bellos livros para o fim a que estão destinados. Pouco ou nada nos dizem de novo. Mas servem para entreter longas horas de ócio, e satisfazer a preguiça intellectual dos leitores. No género, não conhecemos melhor.

Serões.—Setembro 1907—n.º 27—Livraria Editora Ferreira e Oliveira—Lisboa, dirigido por Henrique Lopes de Mendonça.—Sumario—Venezianas, quadro de Lutre Fildes—Sport Náutico em Portugal, 28 illustrações—Amor de Perdido, contos de Mario Flerival—Oliveira Martins, pelo dr. José Lobo d'Avila Lima—O Caramulo, por Thomaz da Fonseca—O Poeta Julio Ripado, por Alfredo Guimarães—Quarto Concurso Fotografico dos «Serões», fotografia de Manuel Gomes Pinto—A Lenda do Canzarrão, por Conan Dogle—A Architectura da Renascença em Portugal—II—Batalha, por Albrecht Haupt—Os Serões dos Bebés

—Nausei e a sua ógna—Ideal Perdido, soneto—Actualidades.

O Sumário é esplendido, como se vê, não descuidando o seu director a parte artistica. Esta revista merece bem o apoio que o publico lhe tem dispensado.

O n.º 28 d'esta magnifica revista mensal, abre com as primeiras respostas ao interessante inquerito feito pela redação a homens de letras e artistas portuguezes, sobre qual é a paisagem de Portugal que preferem. Bastaria a colaboração para este artigo, obtida de individualidades proeminentes na arte e na litteratura, para tornar interessante o numero, se as restantes paginas não estivessem cheias de leitura atrahente e primorosamente illustradas, contendo o final do curioso estudo do dr. Vergilio Machado, sobre os atuais processos da arte de curar, uma monographia do sr. Mario Monteiro sobre a Fonte dos Amores, com dados e aspectos novos, um outro artigo scientifico do illustre official da armada, Ramos da Costa, sobre a hora official em Lisboa, um belo conto ingléz fundado nas tradições da Invencivel Armada, a continuação do primoroso trabalho do dr. Haupt sobre architectura portugueza, colaboração poetica de João Penha e D. Maria O'Neill, além das secções habituaes dedicadas ás creanças e á revista de actualidades. Acrescenta-se a isto o supplemento musical, os Serões das Senhoras, com todas as novidades em modas, labores femininos, etc., e reconhecê-se-ha que não existe em Portugal, attento o primor da impressão e das gravuras, publicação mais barata e mais interessante.

A perfeição material e os primores litterarios contrastam n'esta publicação com a modicidade do preço, 200 réis apenas, por cada numero mensal. Proprietaria: Livraria Ferreira, 132, rua do Ouro, 138—Lisboa.

Primeiros Soccorros a Doentes, por dr. Pedro Doria Nazaret.—Acaba de ser posta á venda a 2.ª Edição d'este utilissimo livro indispensavel a todas as pessoas que residem em lugares onde não é facil encontrar prontamente um facultativo.

Recomendando a sua aquisição temos a certeza de prestar um valioso serviço aos que habitam distante das cidades, no continente do reino e especialmente nas colonias, ás pessoas que dirigem o trabalho de grandes grupos de operarios, aos individuos que se dedicam a diferentes generos de sport, ás associações de bombeiros, etc.

Pertence este volume á Bibliotheca de Conhecimentos Utéis, a custa 300 réis.

Pedidos á Livraria Editora, Ferreira e Oliveira, rua do Ouro, 139—LISBOA.

E basta! que os leitores já dormem!

HOMEM CHRISTO, Filho.

AO PUBLICO SUCCURSAL DA PADARIA DOS ARCO NA COTA NOVA

MANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proximo á Motta) onde o publico durante a epocha balnear encontrará a qualquer hora do dia PÃO DE FINA QUALIDADE e generos de mercearia, taes como: assucar, chá, café, arroz, massas, vinhos finos, cerveja, e outras bebidas; tudo por preços modicos.

Recomendamos, pois, este estabelecimento, não só pela modicidade de preços, como tambem pelo esmero e accção de todos os generos.

TRENS DE ALUGUER DE LUTHARIO HOMEM CHRISTO

Com cocheira provisoriamente á ponte da Dobadoira, com frente para o lado do eaz, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

EDUCAÇÃO FEMININA

Não obstante Balzac haver affirmado que os ignorantes são os mais úteis inimigos da instrução das mulheres, não se recebeio no nosso país a educação feminina continua entre nós n'um grande estado de atraso e com uma despidavel orientação.

Grande é o mal na verdade, é triste o que aqui se passa, e contudo nem pouco se trata de lhe proccurar o remedio.

Ao passo que a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Italia e a Suissa, nações das mais civilizadas da Europa, têm consagrado sérios cuidados á instrução feminina, Portugal, que, custa dizê-lo, n'este como em muitos outros aspectos, tem ficado na reclusão da progressão, muito pouco se ha dedicado a esta tão grave questão.

E nos tempos que vão correndo, em que as mesquinhas luctas do egoismo e do interesse absorvem todas as actividades, a ignorancia da mulher, que tem como consequencia logica o seu indifferetismo perante todos os acontecimentos, ainda os mais graves, é sem duvida uma das mais solidas alavancas em que se apoiam a ambição e o orgulho de muitos que receiam, que a influencia da mulher instruida no nosso meio, alias tão acanhada, os possa ir prejudicar.

Além d'estes que, por interesse proprio ou por mal entendido orgulho pessoal, pretendem deixar no olvido a educação feminina, ha ainda os espiritos reaccionarios, conservadores dos moldes de outr'ora e que pensam que a corrupção mais completa avassalará o mundo no dia em que todas as mulheres souberem ler e escrever e tiverem o espirito preparado para comprehendê-lo e discutirem qualquer questão de interesse social.

É necessario combater uns e outros. A' lucta, pois, e não recuemos n'esta santa cruzada sem havermos conseguido ao menos que os inimigos se transformem em aliados e passem a comprehender que uma mulher educada não é, como erradamente supõem, um ente nocivo, fundamentalmente pedante, alardeando falsa sciencia; incapaz de assumir a direcção da sua casa e muito menos ainda de aturar e cuidar de creanças.

Eis o erro. A instrução não só lhe ensinará a cumprir melhor todos os seus deveres de mulher e de mãe, como ainda lhe permitirá que se torne extremamente util a todos, cooperando com as forças da sua intelligencia culta para o bem estar da humanidade, e que, acabando de vez com o deprimente habito de declinar nas precepções extrangeiras o cuidado de orientar o espirito dos seus e de lhes formar os caracteres, reassuma junto d'elles o papel que tão impensadamente, por incapacidade, negligencia ou preguiça, tem confiado a outra, passando a ser a sua educadora, ao mesmo tempo que a sua melhor conselheira e amiga.

Se a mulher portugueza se tem, na sua maior parte, conservado até hoje indifferente á palavra instrução, é porque na realidade lhe não conhece o que lhe não mede o alcance, e por conseguinte as vantagens que d'ella lhe pôde advir.

Cumpra-nos, pois, antes de tudo, pela palavra ou pela penna, fazer luz n'estes espiritos obscuros ou rebeldes e em vez de perdêmos o nosso tempo incitando-as a reclamar direitos de que por enquanto não sabem gozar e ainda menos cumprir os deveres que elles lhes hão de trazer, procuremos antes esclarecê-las por todas as formas em que nosso alcance, tornando-as aptas para poderem mais tarde, por meio da sua acção na familia, contribuir para o bem estar geral.

A parte feminina da classe operaria, especialmente, jaz na mais absoluta ignorancia; a necessidade arranca a miúdo, a mãe, do seio da familia e faz da creança um escravo da materia ha edade que é destinada para o seu desenvolvimento moral e intellectual.

A lei do trabalho que atrá com a mulher para a officina, por vezes antes mesmo d'ella sentir nascer em si o instincto da dignidade pessoal, põe-a em convivencia com homens e mulheres ainda mais grosseiros e ignorantes do que ella, poderia talvez ser attentada nos seus finestros afilios, estabelecendo cursos nocturnos em que, por meio de conferencias instructivas, se lhes desenvolvesse e aperfeçoasse a intelligencia, ministrando-lhes grande numero de conhecimentos uteis, abridolhes novos horizontes e diminuindo assim a antiga desigualdade social que—na verdade—existe, mas resulta unica e simplesmente da desigualdade da educação, da desigualdade do merito de cada um dos individuos que constituem a sociedade.

Uma instrução sã, orientada de modo a formar caracteres solidarios, espiritos verdadeiramente cultos, destituidos de rancidos pedantismos e despididos de vícios e attitudes preconceituosas, eis o que se loria da mais imperiosa necessidade, eis o que é indispensavel.

ANNA THEMUDO COSTA.

Queris fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compre o bicyclete—A OSMOND.

**FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES**

DE **CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. . . . . 150
- Album*, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande . . . . . 58000
- Quadros Parietaes*, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. . . . . 68000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—1.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. . . . . 150
- Guia prático e theorico da Cartilha Maternal*—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. . . . . 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripção*—cada caderno, . . . . . 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado*. . . . . 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica*. . . . . 500

Do mesmo auctor:

**LITTERATURA**

- Campo de Flôres*—Poesias profaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), . . . . . 700
- Prosas*—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (A Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**

**ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

**RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO**

**MATERIAS PARA CONSTRUÇÕES**

DE **Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saínlhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejus de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinha, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correitor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisam de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feltios quasi de graça só na Oficina de alfaiate**

DO **ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo a mais barata do que em outra qualquer parte.

**POVO DE AVEIRO**

TYPOGRAPHIA

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia, bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra, Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**

José Maria Simões & Filhos

**ANADIA—SANGALHOS**

**MACHINAS "PFAFF,"**

—E—

**BICYCLETES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicycletas, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bias, (Chafariz da Agua) uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicycletas. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte se primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes oferecem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicycletas tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.